

## A direita radical não traz manual de instruções

*Sondagens e analistas parecem concordar que está em marcha uma vaga populista, da Península Ibérica à Escandinávia, que a direita radical se arrisca a ter o melhor resultado de sempre na Europa.*

**Nuno Severiano Teixeira | Público | 3 de Abril de 2024**

A direita radical chegou, mas não traz manual de instruções. E a Europa não sabe como se relacionar com ela. Há mais de uma década que as eleições europeias registam uma tendência de longa duração: o declínio progressivo dos grandes partidos do centro político e o crescimento inverso dos pequenos partidos extremistas, em particular da direita radical. Provoca uma fragmentação crescente dos sistemas de partidos, mas até agora, sem poder para bloquear o sistema político da União e com uma capacidade limitada para influenciar as políticas europeias. Tudo isso, porém, pode mudar nas próximas eleições, de Junho de 2024.

Sondagens e analistas parecem concordar que está em marcha uma vaga populista, da Península Ibérica à Escandinávia, que a Europa vai virar à direita e que a direita radical se arrisca a ter o melhor resultado de sempre e a pesar, doravante, nos equilíbrios políticos europeus. De acordo com um estudo rigoroso do European Council on Foreign Relations *A Sharp Right Turn: A Forecast for the 2024 European Elections* (Janeiro 2024), em nove dos 27 países da UE os partidos da direita radical lideram as sondagens e é provável que ganhem as eleições. E em outros nove, incluindo Portugal, podem ficar em segundo ou terceiro lugar. Em conjunto, conseguirão cerca de 25% do eleitorado, um quarto dos lugares no Parlamento Europeu (PE). É certo que os partidos do centro continuam a representar as maiores famílias políticas, mas todos eles perdem percentagem eleitoral e assentos parlamentares: os Populares (PPE), os Sociais Democratas (S&D) e os Liberais (Renovar a Europa).

Os ganhadores, pelo contrário, são os dois grupos da direita radical: Identidade e Democracia, de Le Pen e Salvini, que poderá tornar-se a terceira maior família política, e os Conservadores e Reformistas Europeus, de Giorgia Meloni. Mas o mais importante é que as duas famílias políticas da direita radical, juntas, podem ultrapassar, pela primeira vez, cada um dos dois grandes partidos centrais.

Os Verdes também perdem, mas, em contrapartida, a esquerda mais radical sobe. E tudo isto, como é óbvio, tem impacto sobre as coligações que se formam no PE e cujo novo balanço favorece, claramente, a direita. As coligações ao centro tendem a reduzir a sua influência, seja a grande coligação (populares e sociais-democratas) seja a supercoligação (populares; sociais-democratas; e liberais) e o mesmo se verifica nas coligações de centro-esquerda (sociais-democratas e verdes).

Ora, pelo contrário, a tendência mostra o peso crescente das coligações de centro-direita (populares; liberais; e até com os conservadores e reformistas europeus de Meloni), mas sobretudo de extrema-direita (populares; conservadores e reformistas; e identidade e democracia de Le Pen).

Significa isto uma erosão do centro político e uma voz mais forte da direita radical, a partir de agora, com impacto nas políticas europeias. A começar pela política ambiental e, claro, uma linha política mais dura em matérias como migrações, alargamento ou apoio à Ucrânia.

Mas não é só no PE que a onda populista se poderá fazer sentir. Porque, no plano nacional, os governos não ficarão alheios ao debate europeu, o que se reflectirá à mesa do Conselho. E não só nestas políticas, mas em tudo em que a sua visão soberanista puder limitar a integração europeia e transformar a UE por dentro.

Não há um manual de instruções nem uma receita única para o relacionamento com o populismo e a direita radical. Ignorar não funciona quando esta ganha peso eleitoral e salta para o centro do sistema político. O cordão sanitário, em certos casos, reduziu a sua influência, e noutros reforçou-a. E o mesmo aconteceu com a estratégia de normalização.

Cada caso é um caso e há especificidades nacionais. Mas há duas ou três coisas que nós sabemos. Primeiro, que o populismo se alimenta do medo e do ressentimento das populações que se sentem excluídas. Não se sentem representadas pelos partidos tradicionais e por isso se identificam com os partidos anti-sistema. Segundo, que no discurso populista muitas vezes os temas correspondem a problemas reais dos eleitores, ainda que as soluções, irredentistas, sejam sempre fictícias. Por vezes o diagnóstico está certo, mas a terapêutica está sempre errada. Terceiro, que o problema não está nos eleitores; está, sim, nos partidos tradicionais, que têm pela frente dois enormes desafios: retirar a carga emocional ao discurso populista e, mais importante, resolver os problemas. A democracia agradece.

<https://www.publico.pt/2024/04/03/opiniao/opiniao/direita-radical-nao-traz-manual-instrucoes-2085684>